

# **Quando o demônio ama**

**Miguel Ángel Guerrero  
Ramos**

© Do texto: Miguel Ángel Guerrero Ramos

© Edição: La Lluvia de una Noche

Design da capa: La Lluvia de una Noche

Tradução: Miguel Ángel Guerrero Ramos (o autor)

Título original em espanhol: *Cuando el demonio ama*

Título em inglês: *When the Devil Loves*

1ª Edição: 2014

**Para todos os bons amigos da vida.  
Para a magia insuperável do mistério eo desconhecido.**

## **Quando o demônio ama**

### **1**

Era meia-noite, uma meia-noite de delírios imensos e misteriosos, de fogo intenso, de segredos sem limites, e eu estava lá, me desafiando a mim mesmo, tentando me esgueirar furtivamente dentro de uma igreja Católica, com os nervos mais frios do infinito sobre a pele e a escassa fé da minha alma recorriéndome da cabeça aos pés. Eu pensava em Cristina. Pensava nela com grande intensidade. Pensava nessa vez quando me livreí dos meus medos e decidi confessar-lhe a ela, de uma vez por todas, tudo o que o meu coração realmente sentia pela sua aura sedutora e sedosidade aprimaverada e indecifrável do seu ser. Eu também pensava, sob a intensidade daquela noite, nessas palavras dolorosas que ela me disse nesses momentos. Nesses momentos de sentimento e transcendental confissão. Claro, ela procurou que as suas palavras tivessem uma atenuação macio, mas no final foram bastante dolorosas, uma pontada com uma dor aguda dentro da alma e dentro do ser. De qualquer forma, além das minhas reminiscências

intensas, eu estava lá, debaixo de uma meia-noite com segredos inatingíveis e delírios imensos e misteriosos, na frente de uma igreja Católica, perseguindo uma onda incerta de perfume floral e à procura de uma nova chance no amor. Todo por esse hábito estranho e curioso de pensar que sempre há possibilidades para todos na vida. Esse hábito de pensar que as luzes não são apenas às estrelas, as asas às aves, os mistérios à lua, as flores aos jardins e os sonhos a um travesseiro confortável e muito macio ou a um mundo de sonhos deslumbrantes e desconhecidos. Sim, todo por esse hábito estranho e curioso de pensar que o impossível é apenas uma palavra, uma palavra muito abstrata e, portanto, muito vaga e muito vazia. O que eu quero dizer, mais precisamente, é que Cristina, eo seu cabelo macio e de sonhos perfumados, e os seus quadris sensuais, eo seus olhos amendoados e seu sorriso de encanto misterioso, ter ficado desde muito tempo atrás em um líquido e fluiu passado que se foi como a corrente de um rio que corre rapidamente por uma ribeira desconhecida. O que quero dizer é que, nesse momento, enquanto eu pensava tudo isso sob a luz atemporal de uma lua sedutora e enigmática, tudo o que importava era uma coisa: passar por sobre as paredes da Igreja Católica que tinha em frente e pasar por sobre os muros mais frios da existência. Aquele primeiro objetivo, estava gravado no meu ser de forma muito intensa. Por esse motivo, eu tentei e tentei eo consegui com um grande esforço. Sim, depois de tomar o impulso necessário, em menos de um piscar de olhos, e depois de algumas poucas tentativas, consegui saltar por cima dos muros da igreja sem ser descoberto pelo vizinho típico curioso que, por uma razão ou outra, muitas vezes permanece desperto. E ao fazê-lo, senti um feixe de luz incerta, uma peça enigmática e profunda do infinito, e

uma clarividência, uma premonição estranha e fortuita que incitava-me a concluir esse estranho caminho de impossíveis que tem sido remendado com os fios do desejo. Esse caminho que me tem levado a apaixonar-me de novo entre as águas misteriosas das paixões mais intensas e desconhecidas, e que muito provavelmente vou ter tempo para narrar em esta história. Um caminho que, por outro lado, pode ser a melhor representação que se me ocorre para o impossível. Porque eu creio que o impossível é um caminho, um caminho que não está em um mapa, mas que está disponível para cruzar a qualquer momento. Em outras palavras: o impossível é uma ausência dentro de nós ou um vácuo infinito da nossa imaginação. O impossível, sob todas as verdades que são incubadas na alma, é a forma que adotem nossos medos. Embora, como ou sem impossíveis, a verdade em questão é que aquele caminho que me trouxe a esta igreja, é o mesmo caminho que me tem levado a apaixonar-me novamente. A apaixonar-me por uns olhos de fogo que eu vim para achar entre as chamas da vida. Uns olhos de luxúria e com uma luz de excitação que ao vê-los pela primeira vez, me roubaram a respiração do corpo e a respiração corporalmente irrespirável da alma. De fato, ainda me lembro desse fulgido e intenso momento do destino no qual aqueles olhos me descobriram sobre este plano da existência. Aquelles olhos de fogo me disseram: "Esta igreja cheia de vitrais, cruzeiros e retratos de Santos é um bom lugar para um amor feroz, para um amor de alma extrema y lasciva, um amor suado, intenso, penetrante e sugestivo, um amor que só se ame a si mesmo enquanto esquece ao mundo na sua totalidade".

Claro aquelas dois chamas ardentes, infinitas e inextinguíveis, ou em outras palavras, aqueles dois olhos de fogo que eu tem mencionado, eram os olhos de uma mulher tão bela quanto misteriosa. Os olhos de uma mulher que exalava um desejo ardente desde cada um dos poros da sua pele. Eu não podia, enquanto caminhava naquela igreja sombria e misteriosa na qual entrei furtivamente, e um momento ligeiramente evaporado da noite, mas que lembrar aqueles olhos que brilhavam entre a escuridão com crepitantes fogos de paixão. Eu lembrava aqueles olhos quando eu entrei um pouco na lívida e extasiada luz de umas velas que reverberavam dentro do mistério e dentro da vida e que deformavam e projetavam ligeiramente a minha sombra em todos os lugares de esta existência palpável. Eu lembrava aqueles olhos até que, de um momento a outro, e no meio da obscuridade, a encontrei a ela.

Ela estava no altar, apócrifa e libidinosa. Nua e deitada sobre um sombrio infinito. Seguramente me sentiu chegar, mas o seu corpo esbelto e perolado parecia não reconhecer essa verdade da escuridão. Eu não disse nada. Ela não disse nada. Eu me aproximei dela. Ele parecia estar em transe. A toquei, mas ela permaneceu em silêncio. Nem ela nem as sombras do sombrio disseram nada. Deu-me o mesmo, e a segui tocando. Ela manteve os olhos fechados. As suas pálpebras eram longas e sensuais. Os seus lábios macios e úmidos pareciam ter a textura ea cor da sangue âmbar. Logo, depois de um breve momento de inspeção, descobri uma toupeira em um dos seus peitos. O observei como hipnotizado. Hipnotizado por aquele ponto de singularidade máxima do universo. Ela, então, levantou-se de repente, e me abraçou. Eu, por alguma razão, sentia que a conhecia a ela desde

sempre, embora eu não sabia o seu nome. Talvez por isso não me preocupou tanto, pela primeira vez na minha vida, descobrir ou saber exatamente que tipo de amor era aquele. Por isso decidi beijá-la. E a beijei, escondendo, inicialmente, toda a minha ansiedade. Ela, entretanto, e depois de que as peles já estavam magnetizadas o suficiente, me foi ensinando com o seu perfume doce e uma dança de mil carícias, que os beijos não são apenas aos lábios e as carícias à pele. Ensinou-me a quintessência da paixão da mesma forma em que também me ensinou que a eternidade não é apenas uma manhã fugaz, ali, sob o olhar impassível de um Cristo voyeur que nos observava sem observar e algumas poucas Marias atordoadas e cheias de vergonha. De infinita vergonha.

E assim, com tanta paixão e tanto desejo, devo dizer, não percebi aquele estranho fenômeno. Um fenômeno ancorado no hemisfério mais incomum de este universo. Um fenômeno de essências volitivas. Isto, entre todas as brisas de um infernal canto de paixão, foi o que ocorreu: tudo ao meu redor, enquanto aquela sedutora mulher e eu nos amávamos, assumiu um tom vermelho, tão vermelho como os lábios da minha amante desconhecida. Mas: como foi que aconteceu um fenômeno tão bizarro e tão removido de quem sabe onde, sem eu dar-me conta pelo menos um pouco entre as sedas vaporosas do lascivo? A verdade, não sei. A única coisa que posso dizer é que, naquela igreja, fazendo-lhe o amor a aquela mulher, tudo ao meu redor disfarçou-se de um momento a outro de escuridão. Uma escuridão com a cor da sangue âmbar e com a sensação mais intensa da vida.

Mas: quem era ela? Quem era essa mulher que me entregava o seu corpo como se fosse um labirinto para que as minhas



mãos ou os meus lábios pudessem encontrar uma possível e erótica solução? até que grutas ardentes da realidade pretendia ela chegar comigo? E por que me fez essa pergunta curiosa que, sendo tão óbvia fazê-la, me pegou de surpresa?

— Por que você veio até estas obscuridades da vida? - perguntou de repente o sussurro lascivo da sua voz. A voz daquela mulher incomparável.

— Pelo assédio de uma dúvida cruel. - disse-lhe eu a ela enquanto acariciava o seu cabelo perfumado.

— Que tipo de dúvida?

— Não tem nenhuma importância.

— Claro que sim. Uma boa amante deve estar ciente das dúvidas que invadem o corpo de quem ama e ao que se apegam.

— Ela, devo admitir, me estava falando como se me conhecesse de toda a vida.

— Diga-me algo. - disse-lhe, depois de uns segundos, e ao mesmo tempo que acariciava o seu cabelo perfumado—, como você pode querer estar ciente das minhas dúvidas, sem saber o meu nome?

Naquele momento, naquele momento intenso de sedução, misticismo e vida, e de perfumes de entrega corporal, ela me queimou com o fogo rugindo e estrondoso dos seus olhos. A sua alma, ao mesmo tempo, me disse:

— É aí que você se engana. Não somente eu sou a única pessoa e a única mulher neste mundo que conhece o seu verdadeiro nome. Eu também sei, o meu querido, a mais profunda e intensa das suas dúvidas.

## 2

Não há nenhuma dúvida sobre isso. Aquele foi um colorido mundo de maravilhas, um mundo vivido e sonhado sob os desígnios da paixão e digno de estar representado com as mais belas aquarelas de esta existência e de istos fluxos estranhos que compõem o universo. E tudo o que eu pedia ao céu, ao destino, e ao demiurgo infinito da vida, era ter de novo esse sonho, para captar dessa forma, e com toda a claridade do caso, os seus prismáticos e avassaladores matizes. Devido a isso, e por causa do desejo intenso que eu tinha de voltar a sonhar entre os olhos de fogo daquela misteriosa mulher que amei em uma igreja, na manhã seguinte à noite de delírio apaixonado e delírios de mistério sem fim, liguei para ela, é dizer, à bela mulher nua e misteriosa de uma escura igreja. Fiz isso depois de me levantar. Não esperei primeiro para me fazer um bom café. Só acordei das escassas três horas que tinha dormido, olhei na minha carteira, o número de telefone que a mulher misteriosa da igreja tinham me deixado num pedaço de papel de caderno. Ruth estava ali como o seu nome.

"Olá Ruth, sou eu, o Adrian". "O Adrian?". "Sim, o pintor". "Hum ...". "O menino da igreja". "Oh, oi. Eu estava

esperando a sua chamada". "Sério?". "Sim, e com muita ansiedade, o meu querido." "Ruth, eu quero saber se temos alguma coisa. Quero dizer, se isto é sério." "Claro que sim, o meu fabricante da escuridão. Temos algo. Mas não é o que você imagina". "Não quero soar pesado, nem intenso, Ruth, mas que sabe você sobre o que eu imagino?". "Much". "Você diz isso como se tivéssemos feito o amor muitas vezes". "Assim é, querido, exceto que você o chama, evocando um sentido romântico e poético fazer o amor, quando eu chamá-lo, pura e simplesmente, ter relações sexuais". Ao ouvir aquele fiquei em silêncio por alguns segundos. Eu não sabia o que dizer. Na verdade, eu não sabia que devia sentir e como expressar adequadamente o que devia sentir. No entanto, encorajado, continuei: "Ruth, eu quero te confessar aquela dúvida que, se você se lembra, eu disse que me assediava o coração. Uma dúvida que eu nunca me a atrevi a confessar-lhe a nenhuma pessoa". "Ah, é isso. Bem, então, se você se lembrar nossa pequena conversa ontem à noite, o meu querido, em ela eu disse que já sei a principal preocupação do seu coração". "Não é verdade, a Ruth, te repito que eu nunca lhe disse a ninguém sobre a minha dúvida de insuspeita profundidade". "Adrian, Adrian é seu nome, verdade?". "Sim". "Adrian, você não está e nunca esteve sujeito a mesma sentença de todos os outros seres humanos. A sua sentença não é a sentença implacável das agulhas do relógio".

Essas últimas palavras, admito, as pronunciou aquela mulher misteriosa e sedutora em um tom como de fogo devorador ou como de lua estranha e enigmática. De qualquer maneira, ela disse que iria para o meu apartamento, em uma hora em que o céu seria, certamente, uma bela tela do pôr do sol, um pôr

do sol escuro e sombrio como a vida. Era domingo e como todo domingo eu decidi ficar na cama assistindo a televisão. Saraya, a mulher que ocasionalmente contrato para algumas tarefas do meu apartamento, nunca se apresenta os domingos, por essa razão a rotina da minha vida me apontava para aquele dia, um domingo habitual e comum de solidão. Mas, claro, a Ruth, e os seus olhos misteriosos, veriam que não fora assim. Eu vivo, a propósito, sem nenhuma outra companhia que essa tão intangível e tão ancestral que me dão os retratos e os paisagens diversos que eu pintei com as minhas próprias mãos ao longo dos anos. A companhia das pinturas, das minhas ágeis pinceladas de acrílica poesia e profundos enigmas de carícias visuais. A companhia inessencial de uns paisagens de reduzidas dimensões e de uns rostros de gestos imperturbáveis. Sim, eu não disse isto, mas a minha verdadeira vocação foi e sempre vai ser a pintura.

No entanto, o meu trabalho atual, com o qual eu sobrevivo, é o de conceber alguns softwares básicos para uma empresa de software e em ser o programador de alguns equipamentos de informática e redes. O meu trabalho é em tempo integral, mas ainda assim sempre encontro algum tempo para prosseguir a minha verdadeira vocação, que não me canso de dizer, tem sido e será sempre pintar. Pintar sobre óleos e sobre as essências da alma. Agora bem e mudando um pouco de assunto, muitos perguntaram que tipo de história é essa que eu tenho com a Ruth, se é que ela, essa mulher de mistério perturbador, chama-se assim, é claro. Bem, a única coisa que posso lhes dizer sobre ela, nesta parte da história, é a lembrança que tenho daquele dia em que eu vi a essa bela mulher de fogo pela primeira vez.

Naquele dia, fora de aquela impressionante igreja de estilo gótico, caía uma chuva verdadeiramente surpreendente. O frio era implacável e cobria a essência da vida sem piedade. A missa foi celebrada no meio de um inferno invernal. Naquele momento eu notei um detalhe curioso: ela não parava de olhar para mim com uma luxúria intensa, com um magnetismo de paixão. Ela olhou para mim, com os seus olhos sensuais e flamejantes. Ela me mirava e me mirava com imensa cumplicidade, com a cumplicidade do desejo que se veste de escuro infinito. Sim, olhos assim incendiaram Alexandria, ou pelo menos isso foi o que eu pensei quando os vi pela primeira vez. Além disso, ela chamou a minha atenção porque era óbvio que de mim, ela não estava procurando exatamente as minhas palavras. Era óbvio, por outro lado, que ela não era uma dessas mulheres que anseiam ver aparecer um galã de sugestivos aromas românticos que chege e lhes resuma um amor absurdamente abstrato com umas impressionantes e memoráveis palavras. Umas palavras, no entanto, muito transitórias e do momento, e que, portanto, são apenas frases simples e de efêmera duração. Não, ela não era assim. Mas o melhor da história é que ela não era daquela classe de mulheres que aparenta ser assim só nas características do seu exterior e que, de fato, abundam em todos os lugares de esta palpável existência. Eu gostei disso, eu gostei muito disso porque eu nunca fui muito bom em expressar o amor com palavras secas. Em geral, eu costumo usar a pintura para trazer para fora o que está dentro de mim, apesar de que nenhuma das minhas obras tenha nas suas fibras algo parecido a isso que, em um dos corredores mais suaves da existência, chamam amor.

Mas mencionava que eu vi àquela misteriosa mulher pela primeira vez, quando fui a uma igreja, a mesma igreja onde ela e eu fizemos amor freneticamente alguns dias depois. Na ocasião, quando a vi pela primeira vez, ela usou uma forma muito sugestiva e sensual para se comunicar comigo. Uma forma como de suspiros inapreensíveis, demasiado consistentes e sem tempo. Ela chegou, de fato, a me acariciar com um dos seus seios, um seio que ela esfregava no meu corpo com lascívia e com uma estranha ligeireza de paixão incontrolável, uma leveza que tenha sobre si mesma uma fricção suprema, hipnótica e provocativa. Eu não posso dizer que gostei porque naquele momento eu estava num estado de verdadeira perplexidade, eu estava confuso e desorientado neste vazio universo. E, claro, por curiosidade, daquelas que costumam matar gatos, voltei para aquela igreja não um, nem dois, nem três vezes. Eu voltei um grande número de vezes mais nas que eu pude vê-la a ela, sempre com o mesmo olhar de mulher misteriosa, a mesma maquiagem suave e os mesmos brincos que brilhavam quando um raio de sol impertinente conseguia penetrar as nuvens mais desconhecidas desta dimensão do existir.

Agora, aqui, neste momento de escuro e sensual destino, não posso deixar de pensar nela, nessa linda mulher com olhos de fogo. Não posso deixar de sentir nas minhas mãos, sim, ainda, a textura do seu corpo apetitoso eo calor irresistível da sua pele. De fato, eu decido, deitado na minha cama, que eu quero pensar somente nisso. Decido também que não quero que ninguém nem nada me tire desta situação, no entanto, e mesmo assim, o telefone toca com um ar indiscreto e difuso. "Você é um insensível, o Adrian. Quanto tempo há que você não me chama?". "Desculpe, mãe. Você sabe que eu nunca

fui bom para chamar às pessoas por telefone e outras coisas. "Bem, você deveria, agora que a Angela se mudou para outra cidade". "Que? A Angela mudou-se para outra cidade?". "É isso mesmo, o Adrian. E ela se levou à pequena e bonita da Angelica que me fazia companhia". "Uma má notícia, sem dúvida. Mas, eu que posso fazer nesse caso?" "Infelizmente nada, Adrian. Não sei por que você e sua irmã não podem se dar bem como todos os irmãos. "Parece que você não conhece muitos irmãos. De verdade, mãe?". "Não brinque, o Adrian. Em qualquer caso, o fato é que você raramente faz algo pela sua irmã e por me. Quase nunca". "Sim, é certo. Devo aceitar isso". "É a altura. Não quer nem saber onde sua irmã foi?" "Não, não realmente". "Ela não quis me dizer". "Sim, não é raro, eu preciso lembrar que ela sempre fez o que quis. E, se não é mais, mamãe..." "Você está me demitindo, Adrian?". "Sim. É que tenho algo muito importante na minha mente no que devo pensar. Algo que não pode esperar".

### 3

A Ruth chegou exibindo um charme indescritível. Nada mais com vê-la através do olho de vidro da porta o meu espírito ficou consternado. Mas depois, com a alta urgência do mundo, e do meu espírito confuso, lhe abri a porta e antes de dizer qualquer coisa, ela me beijou longa e profundamente nos lábios. Em seguida, me fez uma pergunta que despertou o interesse mais sombrio do meu coração.

— Você veio para trazer desastre para esta terra, não é?

— Eu não sei o que quer dizer, a Ruth. Mais do que tudo, mais do que ninguém, eu...

— Não diga nada. Por favor, mantenha silêncio dentro de si e dentro do seu coração, o meu cavalheiro do lúgubre eo hermético.

Sem dizer nada, convidei-a para passar e tomar assento no sofá da minha sala. Eu lhe ofereci também uma xícara fumegante de café para assustar um pouco o frio inclemente que rondava toda a cidade eo alma mesma das incertezas. Pouco tempo depois, fui para a cozinha e deixei-a a ela no sofá. Preparei o café em menos do que se diz amém, mas ao voltar para a sala não encontrei à bela e libidinosa Ruth por nenhum lugar. No entanto, ao ver que a porta do pequeno quarto onde guardo as minhas pinturas estava aberta, não tive que pensar muito para saber onde estava ela. Entrei naquele quarto eo errante e misterioso espírito da Ruth estava lá, olhando as minhas pinturas com grande concentração.

— Gostaria de saber como são chamadas? - lhe sugeri. Ela assentiu, um pouco com a cabeça, e um pouco com a sua sensualidade.

Aproximei-me dela por trás e abraquei-a pela cintura. Antes que nada, resolvi ensinar-lhe àquela mulher de fogo as paisagens, como é o meu hábito sempre que uma pessoa quer conhecer as minhas preciosas obras de arte. Eu fui apontando uma a uma, dizendo-lhe a ela os seus respectivos nomes, uns nomes que ela, muito bela, ouvia com atenção.



Da esquerda para a direita, estas são, lhe disse, *Abraçando a tempestade* (uma paisagem cheia de palmeiras assustadas por uma tempestade furiosa), *Olhos que removem vestidos* (uma pintura da arte conceitual, em que eu exponho um grande número de olhos misteriosos e um número considerável de mulheres, nos edifícios de uma cidade imaginária), *A varanda dos Murmúrios* (uma varanda solitária), *O misterioso calor dos seus beijos* (uma bela e radiante praia, tão solitária como a paisagem da varanda dos murmúrios), *Sol e lágrimas* (esta pintura é o ramo de uma árvore cujas gotas de água da suas folhas vivas e verdes caem dentro da vida e dentro da alma), *O olhar de uma paisagem é algo monumental* (a paisagem de algumas grandes e imponentes montanhas íngremes) e *A menor distância entre dois corações* (uma pintura que traz-me memórias dolorosas à mente. Sim, era melhor não falar sobre aquela obra com profundidade).

A Ruth parecia encantada com cada uma das minhas pinturas de paisagens. Assim, então, apontei as pinturas de retratos e procedi da mesma forma que com as de paisagens. Da esquerda para a direita que estavam. *Carícias furtivas e intensas de cor esmeralda* (um retrato de dois amantes se beijando apaixonadamente) *Trajetórias sob uma lagoa* (uma bela e jovem mulher sob a água de uma possível lacuna. A propósito, essa bela mulher era Cristina, o meu amor frustrado e profundo do passado), *Prisioneiro dos seus lábios misteriosamente caprichosos* (outro retrato de Cristina no qual eu enfatizo nos seus lábios, uns lábios que eu sempre imaginei doces) e *Vértices de desconhecida retina* (outro retrato sobre Cristina onde eu enfatizo nos seus olhos cor de avelã).

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

